



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 26/10/2018 a 01/11/2018

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
26/10/2018	8,45	307,30	28,16	5,05	3,67
29/10/2018	8,39	308,20	27,89	5,07	3,66
30/10/2018	8,33	305,10	28,00	4,99	3,64
31/10/2018	8,39	306,40	28,02	5,00	3,63
01/11/2018	8,69	313,40	28,32	5,08	3,66
Média	8,45	308,08	28,08	5,04	3,65

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho= 25,40 quilos
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em -
2,9praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	82,50	-2,9
RS - Santa Rosa	82,00	-2,4
RS - Ijuí	82,00	-2,4
PR - Cascavel	80,50	-3,0
MT - Rondonópolis	74,00	-1,3
MS - Ponta Porã	75,50	-5,0
GO - Rio Verde (CIF)	78,00	+1,3
BA - Barreiras (CIF)	68,00	-2,9
MILHO		
Argentina (FOB)**	159,00	-1,8
Paraguai (FOB)**	115,00	-4,2
Paraguai (CIF)**	153,50	-4,1
RS - Erechim	38,00	-1,3
SC - Chapecó	37,00	-2,6
PR - Cascavel	31,00	-1,6
PR - Maringá	31,00	-3,1
MT - Rondonópolis	24,00	+4,3
MS - Dourados	27,50	-1,8
SP - Mogiana	33,50	+1,5
SP - Campinas (CIF)	35,00	+2,9
GO - Goiânia	28,50	-5,0
MG - Uberlândia	33,50	+1,5
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	750,00	0,0
RS - Santa Rosa	750,00	0,0
PR - Maringá	860,00	0,0
PR - Cascavel	870,00	0,0

31/10/2018

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 01/11/2018**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	35,61	77,03	38,05

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
01/11/2018**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	42,39
Feijão (saco 60 Kg)	138,42
Sorgo (saco 60 Kg)	28,39
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,10
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,23
Boi gordo (Kg vivo)*	4,72

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago voltaram a ceder nestes últimos dias de outubro, alcançando o valor de US\$ 8,33/bushel no dia 30/10. Porém, um forte ajuste técnico no dia 01/11 (quinta-feira) fez o bushel subir para US\$ 8,69 no fechamento deste dia, contra US\$ 8,41 uma semana antes. A média de outubro ficou em US\$ 8,59, contra US\$ 8,34/bushel em setembro.

O bom avanço da colheita, após o retorno do clima seco no Meio-Oeste dos EUA, associado ao enfraquecimento das exportações estadunidenses da oleaginosa estiveram no centro do comportamento baixista de preços.

Quanto à colheita, a mesma atingiu a 72% da área até o dia 28/10, contra 81% na média histórica, se recuperando bem em relação ao atraso das semanas anteriores. Ao mesmo tempo, as condições das lavouras estadunidenses a colher permaneciam com 66% entre boas a excelentes e 12% entre ruins a muito ruins.

Já em relação às exportações líquidas de soja, para o ano 2018/19, as mesmas somaram 212.700 toneladas na semana encerrada em 18/10. Para 2019/2020 o volume ficou em apenas 1.000 toneladas. A soma dos dois anos ficou bem aquém do esperado pelo mercado, que avançava um volume entre 300.000 e 800.000 toneladas. Por sua vez, as inspeções de exportação estadunidenses de soja chegaram a 1,3 milhão de toneladas na semana encerrada no dia 25/10, acumulando no atual ano comercial, iniciado em 1º de setembro, um total de 7,3 milhões de toneladas, contra 12,4 milhões em igual momento do ano anterior.

Na prática, a guerra comercial entre EUA e China reduziu fortemente as exportações de soja estadunidense, com o volume inspecionado ficando 41% abaixo do mesmo período do ano passado. “Normalmente os Estados Unidos exportam metade de sua soja no quarto trimestre, antes dos compradores se voltarem à safra a ser colhida na América do Sul. Com a janela de exportações fechando, os produtores provavelmente deverão estocar amplos volumes.”, fator baixista para as cotações. (cf. Safras & Mercado) Todavia, e momentaneamente, a recuperação nas exportações mais para o final de outubro e as boas perspectivas para novembro alimentaram o ajuste técnico altista no dia 1º de novembro.

Em relação ao conflito comercial sino-americano o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse acreditar que haverá "um grande acordo" comercial com a China, mas alertou que tem bilhões de dólares em novas tarifas prontas para entrarem em vigor se um acordo não for possível. Washington estaria se preparando para anunciar tarifas sobre todas as importações chinesas remanescentes no início de dezembro, caso as negociações no próximo mês entre Trump e o presidente chinês, Xi Jinping, não consigam amenizar a guerra comercial. (cf. Reuters e Bloomberg, citadas por Safras & Mercado)

Vale destacar ainda que um novo relatório de oferta e demanda do governo estadunidense está previsto para o dia 08/11.

Por sua vez, no Brasil, com o câmbio estacionando entre R\$ 3,65 e R\$ 3,75 por dólar, os preços locais continuaram recuando. A média gaúcha no balcão ficou em R\$

77,03/saco, contra R\$ 78,21 na semana anterior. Quanto aos lotes, seus valores médios fecharam esta semana entre R\$ 82,00 e R\$ 82,50/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes oscilaram nos seguintes valores: R\$ 67,00/saco em Sorriso (MT); R\$ 81,00 no norte do Paraná; R\$ 71,50 em São Gabriel (MS); R\$ 76,00 em Goiatuba (GO); R\$ 83,00 em Campos Novos (SC); R\$ 74,00 em Uruçuí (PI) e R\$ 71,00/saco em Pedro Afonso (TO).

Nestas condições, o ritmo de negócios no mercado interno continuou lento, com os preços recuando.

Enfim, o plantio da nova safra da oleaginosa, até o dia 26/10, chegou a 44% da área esperada no Brasil, contra 27% na média histórica para esta época do ano. No Rio Grande do Sul o mesmo atingia 5%, no Paraná 62%, Mato Grosso 74%, Mato Grosso do Sul 58%, assim como em Goiás, São Paulo 30%, Minas Gerais 40%, Bahia 15% e Santa Catarina 20%. No conjunto dos demais Estados produtores, o plantio atingia a 5% da área. Todos os Estados indicando um plantio bem mais avançado do que a média histórica, porém, em relação ao ano passado Paraná, Mato Grosso do Sul e São Paulo estão atrasados.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago permaneceram praticamente estáveis, com o bushel do cereal subindo pouco e fechando o dia 01/11 em US\$ 3,66, após US\$ 3,61 uma semana antes. A média de outubro ficou em US\$ 3,68/bushel, contra US\$ 3,52 em setembro.

Também aqui as fracas exportações dos EUA pesaram sobre as cotações. De fato, as vendas líquidas estadunidenses de milho, para o ano comercial 2018/19, somaram 349.500 toneladas na semana encerrada em 18/10. O mercado esperava um volume entre 400.000 e 900.000 toneladas.

De forma geral, não há indicadores no mercado para que os preços do milho retomem uma tendência de alta. Pelo contrário, a pressão da colheita segue forçando novas baixas, embora haja previsão de novas chuvas nas regiões produtoras estadunidenses para este início de novembro, fato que pode atrasar novamente a colheita. Mas, em contrapartida, o clima favorável ao cereal na América do Sul impede a especulação altista. Neste contexto, as fortes baixas dos preços no Brasil deixa este país mais competitivo no cenário mundial do milho, mesmo com a revalorização do Real.

Em termos de colheita nos EUA, a mesma chegava a 63% da área em 28/10, ficando exatamente dentro da média histórica.

Paralelamente, na Argentina e no Paraguai, a tonelada FOB do milho ficou cotada em US\$ 159,00 e US\$ 115,00, respectivamente.

No Brasil, os preços recuaram novamente, com o balcão gaúcho fechando a semana em R\$ 35,61/saco, contra R\$ 36,45 na semana anterior. Já os lotes neste mercado fecharam a semana entre R\$ 37,00 e R\$ 38,00/saco. Nas demais praças nacionais, os

lotes oscilaram entre R\$ 17,50/saco em Sorriso e Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 38,00/saco em Videira, Concórdia e Campos Novos (SC).

O recuo nos preços se dá pela pouca demanda dos consumidores do centro do país, bem estocados no momento. Diante disso, os produtores, mesmo pouco confortáveis, acabam aceitando negociar seu produto com receio de novos recuos nas semanas vindouras.

Além disso, com o mercado cambial apontando para a possibilidade de o Real ficar ao redor de R\$ 3,60 nestas próximas semanas, as exportações, para acontecerem, precisam de preços internos em reais mais baixos.

De fato, em termos de porto o nível está bastante baixo, enquanto existe grande volume de oferta de milho oriundo do Mato Grosso em direção aos grandes consumidores de São Paulo. Em havendo uma safra de verão normal, será difícil os preços do milho nacional frearem sua queda, salvo se houver uma pressão maior de venda na exportação.

A semana terminou, já adentrando o mês de novembro, com os preços no porto sem grandes mudanças, com o produto sem atratividade suficiente em comparação aos preços praticados no mercado interno. (cf. Safras & Mercado)

O mercado brasileiro continuou muito ofertado em milho tributado para toda a região Sul e Sudeste, incluindo as tradings que, na impossibilidade de exportarem a preços compensadores, estão jogando seus estoques no mercado interno. Com isso, o porto de Santos trabalhou entre R\$ 34,00 e R\$ 34,50/saco. Enfim, analistas em geral consideram que qualquer movimento de alta de preços, por enquanto, tende a ser contido pela pressão de venda do cereal do Mato Grosso em São Paulo. (cf. Safras & Mercado) Para os meses futuros, tudo dependerá dos estoques existentes junto aos consumidores, do comportamento das exportações e da nova safra de verão que está sendo semeada.

Enfim, no final da semana os preços internos ganharam um pouco de terreno, diante de ofertas mais apertadas, especialmente no mercado paulista, porém, para ocorrer uma retomada consistente apenas se no mercado físico se comprovar menor oferta do cereal nas próximas semanas. A dúvida maior fica por conta do volume que as tradings possuem para colocar no mercado interno, particularmente àquelas com lotes no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, que vêm atendendo a demanda paulista.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago fecharam esta quinta-feira (01/11) em US\$ 5,08/bushel para o primeiro mês cotado, subindo bem após os US\$ 4,87 uma semana antes. A média de outubro ficou em US\$ 5,11/bushel, contra US\$ 5,03 em setembro.

O mercado ensaiou um movimento de alta durante a semana, porém, pouco consistente diante de melhoria na safra da Rússia, assim como o fraco desempenho das exportações dos EUA.

Neste último caso, as vendas líquidas de trigo por parte dos EUA, para o ano 2018/19, somaram 442.600 toneladas na semana encerrada em 18/10, sendo que tal volume ficou 7% abaixo da média das quatro semanas anteriores. Já as inspeções de exportação estadunidenses somaram 393.255 toneladas na semana encerrada em 25/10.

Entretanto, há uma expectativa de que a safra estadunidense de 2018/19 possa ser menor do que a do ano anterior, fato que deu algum suporte às cotações durante a semana. Além disso, os EUA reduziram o preço de seu trigo para alguns carregamentos feitos para o Egito, tentando atrair novamente este principal importador mundial do cereal.

Quanto ao plantio do trigo de inverno nos EUA, o mesmo chegava a 78% da área esperada até o dia 28/10, contra 85% na média histórica para esta época.

No Mercosul, a tonelada FOB para exportação ficou entre US\$ 215,00 e US\$ 225,00, enquanto a safra nova esteve cotada em US\$ 215,00, ambas para a compra.

Já no Brasil, os preços se mantiveram relativamente estáveis, porém, o viés de baixa de curto prazo começa a dar espaço para alguma recuperação de preços devido a quebra na safra que está sendo colhida. A média gaúcha no balcão ficou em R\$ 38,05/saco nesta semana, enquanto os lotes registraram R\$ 45,00/saco. Já no Paraná o balcão girou entre R\$ 42,00 e R\$ 43,00/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 51,60 e R\$ 52,20/saco. Em Santa Catarina o balcão registrou valores entre R\$ 42,00 e R\$ 43,00/saco igualmente, enquanto na região de Campos Novos os lotes registraram R\$ 48,60/saco.

No Paraná a colheita do trigo atinge a 82% da área, enquanto no Rio Grande do Sul a mesma estaria ao redor de 35% no final de outubro. Como os problemas climáticos continuam no Paraná, o volume a ser colhido ainda é importante. Já no Rio Grande do Sul, com o avanço da colheita a produtividade e qualidade do produto colhido recuou bastante. A maior parte do produto colhido no sul do país está abaixo do esperado pelos moinhos brasileiros, indicando que muito trigo poderá ser encaminhado para a ração animal, fato que ajudará a reduzir o preço do milho até o início do próximo ano.

Por outro lado, o volume a ser importado pelo Brasil, neste ano comercial, será bem maior do que o inicialmente projetado pelos órgãos oficiais e privados brasileiros.

No mercado gaúcho, a Emater espera uma produção de trigo ao redor de 2,06 milhões de toneladas, porém, diante das intempéries que atingem as lavouras desde o final de agosto, nos parece um volume muito otimista. Novos temporais, com granizo, nesta semana que passou vieram piorar o quadro da safra gaúcha. Todavia, o cenário de perdas continua mais acentuado no Paraná, onde existe grande parte do produto com queda de qualidade e muitas lavouras com rendimentos inferiores ao estimado inicialmente. Não será surpresa se a quebra de safra neste Estado beirar os 50%, sem falar no recuo da qualidade em boa parte do produto colhido.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que o trigo de qualidade superior, pelo volume reduzido de oferta que o país terá, tende a se manter com preços elevados, enquanto as demais qualidades de trigo tendem a ver seu preço recuar.